



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

SÉRGIO DORENSKI DANTAS RIBEIRO

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-652

Entrevistado: Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro

Nascimento: 05/04/1963

Local da entrevista: LABOMIDIA – Universidade Federal de Sergipe

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 18/01/2016

Transcrição: Juliana Prado Cros

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 41 minutos e 28 segundos

Páginas Digitadas: 14 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação acadêmica do entrevistado; Surgimento do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da Universidade Federal de Sergipe (CEMEFEL); Desenvolvimento do CEMEFEL; Aprovação no Departamento de Educação Física; Estrutura física; Projeto para a Rede CEDES; Semana Acadêmica com a temática de história; Apoio da Universidade e do Departamento de Educação Física; Definição do CEMEFEL; Palavras finais.

Porto Alegre, 18 de janeiro de 2016. Entrevista com Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, primeiro muito obrigado por esse tempo precioso que você está disponibilizando e eu queria que você falasse sobre a sua formação.

S.D. – Eu sou formado em Educação Física, fiz o mestrado em Educação Física e o doutorado em Educação.

C.M. – Se formou aqui?

S.D. – Me formei aqui pela Universidade Federal de Sergipe, no curso de Educação Física e fiz o mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina e doutorado na Universidade Federal da Bahia, na FACED, Faculdade de Educação.

C.M. – E quais foram os seus temas de mestrado e doutorado?

S.D. – No mestrado eu trabalho ainda na história, com a história de um clube de fábrica, a Associação Desportiva Confiança, não sei se você já ouviu falar. Eu estudei a relação do trabalho e capital que se dá no período da sua construção, da sua criação no ano 1949¹, e como isso está na relação trabalho-capital, uma vez que esse clube de futebol surge dentro de uma fábrica de tecido² e ganha status de “já nasceu grande”, ou seja, o dono da fábrica³, ele colocava as pessoas para trabalhar na fábrica. Então saía catando os melhores jogadores do estado e formou uma super equipe que ganhou tudo e isso me chamou a atenção porque é uma relação mais econômica do que qualquer outra. Você tinha um emprego e ia jogar bola, mais ou menos essa a relação. Então, a monografia do final de curso foi isso e eu dei uma continuidade, isso foi uma deixa, e eu disse “vou dar uma continuidade ao meu trabalho no mestrado”. Aí eu elaborei um projeto que dava continuidade a essa ideia da criação do clube de fábrica e nessa descoberta da criação do clube de fábrica de futebol que

¹ Ano de criação do time de futebol, a Associação foi fundada em 1936.

² Fábrica Confiança.

³ Joaquim Sabino Ribeiro Chaves .

é a Associação Desportiva de Confiança, eu garimpei, eu “futuquei” os jornais da época de 1949, quando surgiu, até vinte anos depois, até 1969. Então eu fiz um trabalho de mídia impressa, mas mais de garimpo e entrevistei algumas pessoas ainda vivas que fizeram parte dessa história, de quando começou, pessoas que mais conheciam a história do clube, então foi um trabalho no campo da história. No doutorado eu mudei o meu foco. Depois do meu mestrado saí um pouco da história e comecei a trabalhar com a ideia de mídia, mídia-educação. No doutorado fui para uma escola do interior do estado de Sergipe que é Colégio Estadual Murilo Braga e eu trabalhei com a turma nas aulas de educação física, mas tendo como pano de fundo a mídia. Nós construímos jornais, produzimos vídeos, criamos um grupo de trabalho que se chamou Matrix com a alusão ao filme, ao filme Matrix. E nessa construção, eles fizeram um jornalzinho que tinha o mesmo nome e o grupo de trabalho deles era o Matrix. Foi isso, estudando mais o conceito de formação, trabalhei no doutorado pensando a mídia-educação e o conceito de formação imbricados, mais ou menos foi isso de mestrado e doutorado.

C.M. – E como que você se envolveu com o CEMEFEL⁴?

S.D. – O CEMEFEL... então a gente aqui, eu e o Hamilcar⁵, a gente trabalhava no campo da história, o Américo⁶ também fez um trabalho de resgate histórico. E a gente tinha muitos trabalhos bons de pesquisa dos alunos – monografia- e professores – dissertações e teses, trabalhos inéditos. Por exemplo, teve uma guria que ela estudou também os times de fábricas em outro lado da cidade (do Estado), em Estância, que era um polo industrial aqui de Sergipe e tem vários trabalhos no campo da história. Então a gente estava percebendo que precisava de um espaço para ir acomodando o material, porque o que acontecia? As monografias eram enviadas para ficar ou com o orientador ou eram enviadas para a biblioteca e teve um tempo que a biblioteca não estava aceitando mais os volumes de monografia. A gente estava acomodando elas aqui na secretaria e também não ia dar conta de um modo geral, porque eram todas as monografias realizadas pelos alunos. Inclusive

⁴ Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da Universidade Federal de Sergipe.

⁵ Hamilcar Silveira Dantas Júnior.

⁶ José Américo Santos Menezes.

agora existe um ex-aluno do DEF⁷, um aluno que está fazendo doutorado e ele está pesquisando justamente essas monografias. E ele sentiu muita dificuldade, muitas se perderam, muitas monografias. Ele tem um período assim que é justamente um vazio... E que ele não consegue encontrar, é como se não existisse, mas existiam. O problema foi que não mandavam para a biblioteca, e na secretaria não ficava. Resultado: muitas ficaram escondidas. Então esse era o problema e como eu trabalhei com história no mestrado, o Hamilcar também, a ideia era formar um Centro de Memória. E aí, quando eu estava no mestrado em Santa Catarina, de 2003 a 2005, uma das coisas que me chamou atenção foi que eu visitei o CEME⁸, lá de Porto Alegre. A Silvana⁹ até ficou conversando comigo, vi lá a primeira medalha olímpica brasileira¹⁰ e ela me mostrou um pouco as coisas, nós fizemos uma visitação lá na UFRGS¹¹, e conheci aquele Centro de Memória. Então essa ideia já estava florescendo, para a gente arranjar um espaço em que se pudesse acomodar essas coisas e logo após essa visita, eu terminei o mestrado e quando eu voltei, a gente foi conversando com o Américo, com o Hamilcar também e aí a gente pensou na ideia de criar um espaço, que é um espaço em que a gente possa acomodar os materiais, para depois ver com o reitor a possibilidade de construir um centro. A ideia era construir um espaço de visitação mesmo, de chamar alunos, vir alunos visitar, alunos da escola pública. Um espaço que pudesse ser dinâmico, vivo e ao mesmo tempo a gente garantia a preservação da memória, da história do esporte de Sergipe etc. Isso foi florescendo e aí a Silvana veio aqui para a nossa semana acadêmica, ela foi a nossa grande oradora da semana acadêmica e inclusive pelas coisas das entrevistas. Ela deu um minicurso e fez uma palestra. A gente convidou ela, porque na minha entrevista do mestrado eu conheci um cara, que é o Zé Eugênio¹², que fundou a Associação dos Cronistas Esportivos de Sergipe. Esse cara, é um cara vivo ainda, que conhece tudo sobre a história do esporte sergipano, de criação, de clubes e tal. A gente trouxe ele para homenagear aqui nessa semana acadêmica e ele falou um pouco sobre as coisas mais pessoais e a gente não queria estabelecer uma fala formal. Se não me falha a memória, a Silvana que entregou a placa para ele, era para homenagear essa figura. E isso foi florescendo, então a gente estava precisando criar esse espaço, não

⁷ Departamento de Educação Física

⁸ Centro de Memórias do Esporte (UFRGS).

⁹ Silvana Vilodre Goellner.

¹⁰ Medalha de Tiro Esportivo, conquistada por Dario Barbosa nos Jogos Olímpicos de 1920.

¹¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹² José Eugênio de Jesus.

tinha, então o que a gente fez? Usamos as nossas salinhas de professores. A sala vizinha¹³ não era a minha sala e ficava eu, Hamilcar e outro professor e o outro professor ele nunca vai na sala, Halmicar também transita, indo e voltando. Eu falei: “A gente esta criando o CEMEFEL, eu acho que é um espaço que dá, para primeiro criar esse fato”. Começamos selecionando e guardando as monografias, a gente tentou recuperar as monografias que transitavam com a história, que foi principalmente as que trabalharam aqui os alunos de graduação. Então a gente já começava a recuperar essas monografias e mantendo um espaço. Nós começamos a receber doações, então o professor José Tarcísio Grunennvaldt, não sei se você conhece, mas o professor Tarcísio fez um dos melhores trabalhos que eu já vi em minha vida na história sobre a educação física brasileira, ele estudou a Escola Nacional do Rio de Janeiro. Foi um trabalho muito bom, ele me deu uma cópia. O Omar¹⁴, que está lá em Vitória¹⁵, também deixou a tese dele aqui. Tem a minha dissertação que faz parte da história, Halmicar também. A gente foi criando esse espaço, criamos um nome e foi quando eu falei “Vamos registrar ele, porque amanhã ou depois, como que a gente vai solicitar um espaço e não tem nome, não tem vida, não tem nada é só da nossa boa vontade?”. O que acontece? A gente formulou, fizemos um ofício, escrevemos, criamos o nome e passamos no Departamento de Educação Física sobre a criação, foi Aprovada, registrou, temos essa ata, guardamos e começamos agora. A partir daí começamos a instigar a produção, então sempre tem alguém orientando na história, sempre tem alguém trazendo algum registro... Esses quadros de vidro¹⁶ foi um cara do estado que doou aqui para gente, ele é um artista e ele ia se desfazer de tudo aquilo e aí soube do Centro de Memória através do Mequinho¹⁷, ele falou “Eu tenho isso lá, mas eu não queria dar para outra pessoa... como vocês estão montando o Centro...”. A gente pegou, no meu carro, e já colocamos os cartazes das semanas acadêmicas para registrar, você viu aqui no CEMEFEL, que tem vários quadros. A ideia era essa, já ir guardando, está ali na salinha ainda, os outros. Então já foi um ganho, aí a gente foi buscar de carro na casa dele e isso começou a fomentar. A partir daí começou a criar vida, mas independente disso, ele ficou um pouco vazio, no sentido de alguém para tomar frente, para gerir mesmo, como um centro. Eu também fui para outro campo, eu trabalho com a mídia e dentro da mídia

¹³ Professor aponta para a sala ao lado.

¹⁴ Omar Schneider.

¹⁵ Vitória, ES.

¹⁶ O professor aponta para alguns quadros na sala.

comecei a desenvolver outros trabalhos junto com o grupo lá de Santa Catarina que é o LABOMIDIA¹⁸. Tinha muita demanda, hoje a gente criou o grupo aqui e eu me afastei um pouco, totalmente do CEMEFEL, mas eu fiz parte dessa fase inicial. Quando a Priscilla¹⁹ chegou, que ela também é da memória, a gente inclusive tem uma pasta aí, que registramos tudo, passei tudo para ela e ela deu uma outra vida ao CEMEFEL, ele concorreu no edital da Rede CEDES²⁰ e assim foi tocando.

C.M. – E essa aprovação do Departamento, os outros professores aceitaram, apoiaram a ideia?

S.D. – Sim, foi unânime, uma aprovação unânime dentro do Departamento. Geralmente o Departamento não se opõe, é muito difícil algo que a gente está querendo construir, é trabalho, é uma coisa de resgate histórico, de manter a vida acadêmica, manter a memória, dificilmente o Departamento se opõe, foi unânime, a aceitação foi unânime. A gente tem dificuldades no tocante a verba, tocante a espaço. Tanto é que logo depois a gente saiu ali da salinha, porque era uma salinha de professor, de orientação de aluno e a gente só queria criar mesmo o fato, estar existindo, como eu e Halmicar não usava muito o espaço e havia a possibilidade de criar ali aquele espaço, a gente foi deixando.

C.M. – Esse espaço que você diz é essa sala aqui do lado?

S.D. – Não, é outra salinha ali.

C.M. – Aquela que a gente passou?

S.D. – Aquela que a gente passou. Na verdade é uma do lado a ela, mas é o mesmo tamanho. Até que essa sala aqui vagou e na época eu falei: “Você se liga lá, que tem uma salinha que vagou”. Então o que acontece? Por isso foi bom registrar, foi bom passar pelo Departamento, foi bom já ter a existência física registrada, porque quando vagou essa sala,

¹⁷ Apelido de José Américo Santos Menezes.

¹⁸ Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva

¹⁹ Priscilla Kelly Figueiredo.

²⁰ Rede CEDES – Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer.

o grupo estava pronto para assumir. Apesar de ser pequena, não era o que a gente quer obviamente, não era o que o pessoal queria e nem está perto de um *centro de memória*, mas já foi um espaço físico garantido, tem plaqueta e tudo mais, acho que é isso.

C.M. – E o arquivo do Departamento ele veio para cá também, o arquivo morto?

S.D. – Não.

C.M. – Os documentos da criação do Departamento, essas coisas?

S.D. – Isso eu não sei lhe dizer, mas o que está reunido para cá, e o que a biblioteca não estava mais assumindo, eram só as monografias, começou a era da fase digital, que entregavam o CD, mas nem isso mais estão entregando. Então os departamentos eram para criar esses espaços de arquivar as monografias. Quanto a história da construção, eu acho que o Américo pode dar uma ideia melhor, porque ele estudou justamente a criação do curso de Educação Física aqui, ele entrevistou os caras que criaram o curso. Então ele pode lhe dizer melhor sobre os documentos onde fica, mas eu acredito que tenha documento aqui no Departamento e tenha na universidade como um todo.

C.M. – E tiveram outros pesquisadores que ajudaram nesse momento de criação?

S.D. – Não, nesse momento de criação basicamente foi eu, o Halmicar e o Américo, ficou nós três. Depois a gente foi se esfacelando, até porque Mequinho, que é o Américo, ele trabalha na epistemologia, mas ele ficou muito tempo a frente da disciplina Monografia. Às vezes um ou outro aluno tinha que passar pela mão dele, por necessidade. Nessa, apareciam às vezes alunos que trabalhavam com a temática da memória ou da história e ele ajudava, mas ele é mais do campo da epistemologia, das práticas pedagógicas escolares e também dessa primeira fase da criança, é a coisa que ele estuda mais, e nisso ele afasta. Eu também orientei alguns alunos na história. Todas as monografias, elas têm cópia e nessas monografias foi os meus últimos suspiros e a semana acadêmica, mas fora isso, eu fui me afastando, porque precisava. Não dá para dar conta de dois grupos, até porque o meu foco, estava sendo outro, como eu já disse, que era a mídia e aí ficou mais o Halmicar. Na

verdade, não como grupo, como Centro, mas sempre focando, porque o Halmicar é da história mesmo, é o trabalho dele da história, mestrado e doutorado. O Halmicar tinha mais suporte para dar apoio ao Centro, mas mesmo assim, o Centro ele ficou meio que vazio, até a chegada da Priscilla. A Priscilla chegou e aí organizou, elaborou e foi para edital e tudo mais, recuperou o Centro de Memória. Existia, mas se ela não vem, ia morrer, aquilo que a gente criou.

C.M. – Para além do ofício vocês escreveram algum projeto inicial para o CEMEFEL?

S.D. – Então o projeto que vai caracterizar mais o CEMEFEL, foi o projeto que foi para Rede CEDES. Agora eu estou esquecido, porque paralelamente o LABOMIDIA concorreu também no edital da Rede CEDES e agente focou na ideia do projeto aos espaços públicos e de lazer, os equipamentos etc. etc. E o CEMEFEL concorreu também com o edital, que agora eu estou esquecido, mas teve uma produção do Inezil Penna Marinho também, para a produção de arquivos etc. Eu acho que o Halmicar, nesse sentido, ele vai te ajudar. Eu acho que foi esse o projeto, a princípio no projeto de criação, existia o objetivo geral, os objetivos que são do Centro, a justificativa, isso existe esta aí no Centro, mas a gente não concorreu fora esse edital, que eu estou dizendo, só algum tempo depois.

C.M. – No início vocês tiveram algum apoio do Departamento em relação a equipamentos?

S.D. – Nada.

C.M. – Vocês já tiveram algum funcionário?

S.D. – Nada, no início não, nesse início aí a gente... O que a gente fez? A gente foi criando algumas estratégias de sobrevivência, como eram essas estratégias? Por exemplo, pegamos mais espaço que era a sala nossa, dos professores, de orientação, tem umas tabuazinhas que eu tinha em casa, a gente trazia, eu trouxe a furadeira e aí a gente furou o espaço para botar as produções, as monografias, as dissertações, teses etc. Então isso foi a gente que trouxe, Américo que trouxe, a gente ganhou esses quadros... O que a gente fazia? Então a gente tinha um computador e usava o computador, a mesinha também que era dos professores.

Era tudo o que existia e o que a gente podia trazer de casa, como essas prateleiras. Eu até tirei as prateleiras e quando o CEMEFEL encontrou essa sala, adquiriu essa sala e eles voltaram a reorganizar, não precisava também mais daqueles suportes e a gente retirou, mas a princípio não teve... O único apoio mesmo foi o apoio de aprovação no Departamento, não teve nenhuma objeção, eles só valorizaram a nossa participação na criação do Centro de Memória.

C.M. – E a universidade tem outros espaços parecidos?

S.D. – Eu desconheço, tem espaços na cidade²¹ junto com secretarias estaduais e outras fundações, tem espaço de museu, por exemplo, a arqueologia do homem sergipano, algo dessa natureza, desenvolvido pelo pessoal do curso de Arqueologia e aí eles criaram alguns centros, mas com a ideia de museu, museu disso, museu daquilo. Tem fora daqui da UFS²², mas nessa perspectiva do Centro de Memória, não. Havia uma criação pela Secretaria Estadual da Educação de criar, onde é o nosso estádio de futebol, era para ser criado lá um centro de memória do esporte sergipano. Meio como acontece lá no Maracanã, que tem um museu do esporte, mas eu não sei, eu confesso que também estava quatro anos afastado e eu não sei se isso realmente se concretizou, mas aqui eu desconheço algo dessa natureza.

C.M. – Queria que você falasse um pouco mais dessa semana acadêmica que teve no início, como que vocês chegaram nessa temática da história?

S.D. – Então, toda semana acadêmica tem uma temática, são várias. A primeira foi uma temática que foi a proposta do CONBRACE²³ “Intervenção e conhecimento”... Não sei se você se lembra, acho que você era pequenininha [risos].

C.M. – Sim, foi o meu primeiro CONBRACE [risos].

S.D. – Então aquela foi a primeira semana acadêmica com aquela temática, então a gente estava sempre pensando na temática que envolve em âmbito nacional, foi a discussão

²¹ Aracaju (SE).

²² Universidade Federal de Sergipe.

²³ Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

nacional, que estava rolando sobre a Educação Física, a ciência do esporte. Até porque isso ajudava também na vinda dos professores, por exemplo, quem abriu essa semana de Intervenção e Conhecimento, a primeira semana, foi o Valter Brach, ele voltou agora dez anos depois, mas não dez semanas acadêmicas depois. Isso e também aquilo que a gente estava estudando obviamente, isso influência a temática da semana acadêmica. Teve uma que foi sobre esporte na escola, a temática era essa mesma “Esporte na Escola”, porque foi o primeiro em que o governo lançou aquela volta da obrigatoriedade do esporte na escola, essa era a proposta que foi para o congresso etc. Que era com esse termo mesmo, então tem uma bancada que solicitou a volta da obrigatoriedade do esporte na escola, então a gente tematizou esporte na escola e assim vai. No campo da história foi um pouco parecido. Eu tinha defendido sobre história, Tarcísio Grunnenvaldt tinha defendido sobre história, mestrado e doutorado, o Omar, que estava aí também, tinha trabalhado nesse campo da história, o Halmicar que desde o mestrado estava estudando... O Halmicar inclusive, nessa época da semana que envolveu história e tal, estava no doutorado. A gente tinha a temática história sempre presente, e memória, sempre presente na nossa vida acadêmica, com professores que orientam, professores que estão cursando, estudando, fazendo pesquisa. Tem um campo de ligação também com a educação. Então vários professores vieram, o Lino²⁴, a Silvana, como eu já falei. Essa temática da história foi elaborada, eu acredito, que por Mequinho e Hamilcar, todo mundo deu um “pitaco”, porque a gente pensava também nas pessoas contando as histórias, falando sobre a história do esporte, mas a partir de sujeitos que vivenciaram isso, como é o caso desse convidado nosso o José Eugênio, que veio para a semana acadêmica. A semana acadêmica é uma coisa bem singela e simples, é uma coisa local, não vai engrandecer o Lattes [risos], mas era aquilo que nos movia. Todo o ano a gente realizava, o ano passado não teve e está difícil organizar, porque a gente precisa de grupo para organizar e ninguém está correndo atrás mais disso. Quando chega no final das contas, não serve para “nada”, digamos assim entre aspas. Para mim é muito rico, para mim é o melhor evento aqui que a gente realiza, porque é um momento que os alunos participam, os alunos apresentam seus trabalhos, suas monografias, pesquisas e tal, mais em casa. Vêm uma pessoa de fora que a gente tem mais carinho e pode estar mais próximo conversando etc. Mas como a universidade caminha para um utilitarismo, funcionalismo mesmo, não vai para o Lattes, se for, não vai contar

²⁴ Lino Castellani Filho.

em nada. É cada vez mais desgastante, então um grupo pequeno tencionando a semana acadêmica e os outros passeando. Resultado: ela vai morrer. Eu até conversei com o Halmicar, ele falou: “Não, mas a gente carregou sempre essa semana acadêmica nas costas e tal”. E eu falei: “Halmicar, por que a gente tem que fazer isso sempre? Vamos esperar se esse ano alguém bota o pé a frente e sai na frente para a construção da semana acadêmica” e não saiu ninguém. Como a gente não se manifestou também ela não rolou. Tanto é que eu voltei em 2014, já assumindo a coordenação da semana acadêmica, já botando ela para andar, já fazendo tudo. Então é assim, fica sempre um grupinho pequeno, que mantém isso vivo. A semana acadêmica era o nosso evento, o pessoal não entendeu isso, era o nosso evento, do Departamento, em que a gente envolvia a comunidade acadêmica daqui e o pessoal está deixando isso morrer. Porque também ninguém é idiota a vida toda, de ficar trabalhando... Teve gente que se mandou... Semana Acadêmica: “Vou visitar os meus parentes lá no não sei onde” e aí não dá, ninguém é besta. Isso pode deixar bem registrado aí [risos]. Eu sei que não tem a ver com a sua pesquisa, mas...

C.M. – E em relação ao apoio da universidade, mas em outro sentido... As condições de trabalho que vocês tinham. Em algum momento vocês tiveram dispensa de carga horária por conta do CEMEFEL [risos] ou isso foi para a pontuação de vocês?

S.D. – Nada, é um pouco disso aí que eu acabei de falar, é na “tóra”, é no amor, na vontade, não teve apoio nenhum nesse sentido. Redução da carga horária nem pensar, a gente depois de trinta e cinco anos aqui, esse mesmo grupo, a gente construiu uma pós-graduação *lato sensu* gratuita, aquela coisa toda. A gente colocou ela de noite, era terça, quarta e quinta, não era aquele modelo de uma vez por mês, nada disso. A gente fazia terça, quarta e quinta focando a Educação Física escolar e para não dizer que era a Especialização em Educação Física escolar, a gente chamava de Educação Física para a educação básica. Trabalhamos feito doido, então todas essas ações, elas são de vontade de trabalhar, eu passei, por vários anos, instigando alunos a produzirem, sem bolsa, sem incentivo, mais na cumplicidade mesmo pelo objeto, por nossa vida acadêmica. Esse projeto, teve parte da Rede CEDES, mas foi de cinquenta por cento. Pois perdemos dinheiro, o dinheiro voltou, deu uma confusão na época e mandamos vários e-mails. Eles botaram a culpa na universidade e a universidade botava a culpa na Rede CEDES. O livro

foi pago pela gente, como tinham muitos autores, cada qual deu uma parte e assim a gente vem fazendo há muito tempo. Não tinha, não tem... Na verdade é o seguinte, qual era a ideia? A ideia era a gente criar o fato mesmo, para ver se a partir dali a gente focava as linhas então, por exemplo, tinha muita gente solta, então acho que esse era um fato importante, os alunos diziam: “O Halmicar da história? Entra na história”. A gente não tinha uma linha, não tinha uma... Hoje não, inclusive dá até para notar. Se o aluno fala “já sei o que eu quero, vou pesquisar mais na história”, ele tinha como saber. Era mais nesse sentido de criar o fato, criar um espaço tem um grupo que discute história aí dentro da educação física, tem um grupo que discute mídia dentro da Educação Física e isso cria também uma identidade do Departamento. A gente está perdendo muito desse espaço, perdendo muita produção. No caso das monografias principalmente e a gente viu que a criação do CEMEFEL possibilitaria esse caminho, tanto de um espaço físico, como também de criar uma linha de pesquisa e etc. A ideia era essa, mas tudo no amor e na raça, nada de incentivo. Eu acho que o único incentivo que veio foi o edital da Rede CEDES em que a gente conseguiu uma grana para pesquisar, mas aí eu já não estava mais foi a nova geração do Centro.

C.M. – No período que você participou, como você definiria o CEMEFEL?

S.D. – No período que eu participei... Eu não diria que era um centro de memória, eu não sei como é que eu definiria, mas eu diria.... por exemplo, eu vou lá na UFRGS e aí vejo o Centro de Memória, eu venho para aqui, vejo o quartinho da gente e eu não posso definir ele como um centro de memória, mas eu definiria ele como esse primeiro passo para a criação do centro de memória. Tanto é que ele está se consolidando, se consolidou por quê? Por que teve uma pessoa que abraçou a causa, que é a Priscilla, ela abraçou e falou: “Não, vamos resgatar isso aí”. Porque ela sabia da ideia da criação do acervo, que existe aí, só que está parado. As pessoas estão cada qual na sua vida acadêmica e as pessoas não estão dando mais continuidade aquilo que foi criado. Mas aí a Priscila conversou com o Halmicar e resgataram o Centro de Memória. Mas no início, eu diria que era um espaço para a produção nesse campo da história e da memória, para ser organizado, aqui no Departamento, porque não havia organização nesse sentido. Inclusive as próprias monografias que foram defendidas com essa temática estavam se perdendo, porque teve

uma época que não ia mais para a biblioteca. O próprio Américo na sala dele, ele guardava, porque ele dizia: “Eu não vou botar no Departamento, que vai se perder, não vou botar para a biblioteca, que vai se perder”. Então findou deixando na sala dele todos que envolviam temática de história e memória. Então eu acho que o CEMEFEL, nessa fase, foi para criar esse campo, para a gente direcionar as produções e ir criando espaços. Seria o nascedouro, a partir daí, de um centro que pode agora começar a ser chamado de centro de memória, já tem projetos, linhas, pesquisadores.

C.M. – Você diria que era um grupo de estudo também?

S.D. – Sim, era um grupo de estudos também. Mas foi difícil manter uma organização, porque a gente findou se resumindo às monografias, às orientações de monografias. Então teve uma época que se reclamava: “vamos estudar isso”, por exemplo, conversava com o Mequinho, conversava com o Halmicar. E sempre assim, nunca sistematicamente: “Vamos marcar uma reunião”. Então ele falou: “Eu acho que é preciso dar conta dessas lacunas no campo da história, vamos estudar”. Ou: “Olha, tem um aluno, que está querendo trabalhar com história, manda estudar... ver esse cara aí, ver os clubes de futebol de fábrica, ver as figuras ilustres que foram importante para a Educação Física, esporte em Sergipe”. Então a gente findou direcionando os sujeitos para determinadas pesquisas. Era nesse sentido que a gente ia se organizando. Halmicar como é do campo da história mesmo, ele sempre está orientando alguém da história e aquela produção ia para o Centro. Mas a gente não conseguiu organizar um espaço mais esquematizado. Agora sim, eles tem reuniões, como a gente tem aqui também, toda quarta a noite eles têm reuniões semanais, tem projetos de pesquisa em andamento, tem pesquisadores, tem bolsistas etc. Então tem toda uma organização. A gente naquela época era tudo de improviso.

C.M. – E o que o CEMEFEL representou para você, na sua formação, no seu trabalho aqui na faculdade?

S.D. – Então, eu acho que o CEMEFEL foi um ponto importante na minha formação, mas eu trabalhei com a história na minha monografia de final de curso, eu trabalhei com a história na minha pesquisa de mestrado, então essas coisas têm haver. Quando a gente

criou o CEMEFEL, que ele é importante para mim, é que a gente criou um espaço para ficar, está entendendo? Então é isso, se a gente pensar assim: Nós criamos o fato mesmo”. Hoje o CEMEFEL existe, como foi aqui também o LABOMIDIA, eu fiz o mesmo processo, então nós criamos o espaço, nós encaminhamos para o Departamento, passamos o projeto para o Departamento e começamos a gerir o espaço. Mas ele deu oportunidade por quê? Porque alguém abraçou. E o que aconteceu com o CEMEFEL na época, foi que cada um com suas vidas e seus projetos, a gente não conseguia dar conta de alguém abraçar. Como eu estava mudando o foco da história para a mídia, findou me afastando e eu me afastando, Américo também já estava em outro campo e Halmicar também. Então findou a gente não criando essa célula importante, mas eu acho que no meu ponto de vista, ele foi importante para criar o fato, foi importante para que a gente tivesse um espaço para manter vivo a história da memória do esporte, dos sujeitos que fazem a história também. Então esse espaço me deixou mais tranquilo, porque muita coisa a gente perdeu, muita coisa eu acredito que vai perder também, mas quando ele passou a existir a gente: “Ó rapaz”... É um pouco assim, aquela coisa de arqueólogo: “Ó, vamos recuperar esse osso aí, desse dinossauro”. E isso deu uma tranquilidade para mim, a gente ter um espaço. Porque essas pesquisas estavam soltas, esses sujeitos que estavam aí garimpando. A gente pode fazer muita coisa agora, então pode criar um espaço, a gente já pensou até em elaborar um projeto junto, do CEMEFEL e LABOMIDIA, em que a gente possa entrevistar, como você está fazendo, entrevistar todos os sujeitos, ir lá, botar a câmera e deixar ele falar, falar, falar sobre esporte sergipano tem muito cara assim bacana. E isso foi possível com o CEMEFEL, então eu acho que o CEMEFEL é importante nesse sentido. Agora se você me perguntasse do LABOMIDIA, eu diria mais coisas [risos].

C.M. – Professor tem mais alguma coisa que você queira registrar?

S.D. – Bem, eu já falei e bati várias vezes na tecla sobre a minha presença no CEMEFEL. Eu só queria deixar registrado mesmo, que a ideia nossa era de criar o fato, só isso, criar o fato de arranjar um espaço que pudesse manter vivo a história do esporte, da memória, dos sergipanos. Então alguns trabalharam, eu como trabalhei e outros colegas também, a gente via que estava perdendo isso, os caras estão morrendo, outras pessoas estão indo embora e a gente não está conservando a memória do esporte sergipano, da Educação Física, etc.

Então essa criação é que me instigou, foi por conta disso que eu ainda tomei a frente e fui atrás, porque se não eu também não tinha... Porque já estava em outra, então: “Por que o Sérgio esta trabalhando com história, ele não está trabalhando com mídia?”. Mas isso me motivou. Eu não deixaria isso por nada, tendo como a luz do fim do túnel, a manutenção e a conservação dessa memória que estava se perdendo aqui. Eu acho que isso para mim foi importantíssimo, somente.

C.M. – Professor, muitíssimo obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]